



Excursão SPEA ao Sul de Marrocos 2014

18 a 23 de Fevereiro de 2014

Participantes:

Cristina Maria Girão Vieira
Maria da Graça Lima
Nuno Branco de Macedo
Maria Teresa Lacasta Macedo
Carlos Miravent Tavares
Maria Elisa Brás
Peter Penning
Dina Sampaio Papadópulos
George Everett
Francisco José Ramos

Guia local:

Josele Saiz

Guia SPEA:

Domingos Leitão

Motorista:

Mohamed

Organização:

Josele Saiz (Casa Boletas)
Domingos Leitão (SPEA)
Alexandra Lopes (SPEA)

Relatório e listas:

Domingos Leitão

Foto da capa:

Cotovia-de-bico-curvo (*Alaemon alaudipes*), eleita pelos participantes como a ave da excursão (Foto: Maria Elisa Brás)

Esta foi uma excursão de seis dias (cinco noites) ao Sul de Marrocos, organizada pela SPEA, com a Casa Boletas – Birdwatching Center. Utilizámos como base três hotéis: hotel Le Tivoli, para explorar as zonas húmidas a sul de Agadir, o hotel Adil Mousafir, para explorar o deserto a sul de Guelmin, e o hotel Opera Mogador, para visitar Marraquexe e o Alto Atlas. Foi observado um total de 115 espécies de aves.

ITINERÁRIO

Dia 1 – Terça-feira, dia 18 de Fevereiro: Viagem Lisboa–Marraquexe-Agadir

O ponto de encontro era no Aeroporto Internacional de Lisboa. O grupo estava todo junto do *check-in* às 11:30, com excepção do George que tinha aparecido e desaparecido. Entregamos as malas e passamos pelos vários controles sem sobressaltos. O avião levantou com meia hora de atraso, mas o voo era curto e aterramos em Marraquexe exactamente às 14:45. Até aqui tudo bem. Mas era prematuro festejar, pois quando entrámos na sala do controle de passaportes verificámos que a coisa ia demorar. Quatro aviões chegaram quase em simultâneo, o que entupiu literalmente o serviço de fronteiras do aeroporto, onde ficámos uma hora até que todo o grupo tivesse o carimbo de entrada no passaporte. Mais meia hora para comprar *dirhams* e quando saímos fomos encontrar o Josele, já desesperado com o tempo, e uma escrevedeira-doméstica a cantar dentro do terminal. Ainda fizemos uma tentativa para ver algumas espécies nos ajardinados do aeroporto, mas a chuva interrompeu a observação dos primeiros engole-malagueta.

Entre o stress do Josele, que virámos a constatar ser quase constante, a chuva intensa e três horas de viagem até Agadir, seguimos para sul na direcção da auto-estrada. Vimos pegas-rabudas, corvos, as espectaculares neves do Atlas e pouco mais. Mas acima de tudo o Mohamed levou-nos com segurança até Agadir, onde chegamos ao cair da noite. *Check – in* no hotel Le Tivoli, um grande hotel de costa, com 200 quartos, várias torres de arquitectura árabe, e um jantar buffet às 8:30 finalizaram o dia. Apesar de quase zero pássaros, a comida era boa, e estava tudo entusiasmado com a expectativa do dia seguinte.

Dia 2 – Quarta-feira, dia 19 de Fevereiro: PN Sous-Massa e viagem para Guelmin

Este foi o dia em que começamos a ver aves como deve ser. Alvorada foi às 6:15, porque nós não estávamos ali para descansar o corpo. Pequeno-almoço à base de compotas, legumes e ovos. O dia nasceu e descobrimos um hotel bonito, com muitas árvores, pejudas de engole-malagueta e melros. Saída às 7:30 com malas e tudo. Ups!, o stress do Josele quase deixava a Teresa para trás. Grande susto para ela. A partir daquele momento eu passei a contar sempre os ocupantes do autocarro. Seguimos para Sul, na direcção do vale

do Massa, observando o reboiço matinal de Agadir, as pegas-rabudas e os andorinhões-pálidos.

Chegamos a Belfaa pelas 9:00, onde viramos para a costa na direcção de Sidi Massa, uma aldeia enorme entre o rio e o mar. Nos campos pedregosos antes do rio, vimos os primeiros esquilos-terrestres, as primeiras rolas-dos-palmars e a primeira ave realmente fantástica, o rabirruivo-mourisco. Seguimos até à planície aluvial do rio Massa, com caniçais, tramagais e muitos campos de luzerna regados. Um passeio pelo vale produziu, para além de rabirruivos-mouriscos à distância da objectiva, também cinco pardilheiras, um picanço-assobiador (outra especialidade) e uma andorinha-dos-charcos (vista por poucos), entre muitos migradores e residentes que também temos no nosso burgo. O calor já apertava e ainda tínhamos de procurar a estrela do dia antes do almoço. O Mohamed esperava-nos numa encosta sobre o rio, com uma mesquita que fazia lembrar Mértola, e seguimos para a beira-mar, para Sidi Wassay. O ar fresco do mar espevitou o grupo e, enquanto uns foram á casa de banho do parque de campismo, o incasável Josele encontrou o nosso objectivo. Um bando de íbis-pelada nas dunas por de trás do *camping*. Estávamos ansiosos por ir espreitar esta que é a ave mais rara de Marrocos e uma das mais raras no Mundo. Mas enquanto



Íbis-pelada *Geronticus eremita*. Foto: Carlos Miravent

esperávamos pelos outros, o Josele ainda teve tempo de trocar umas palavras amargas com o porteiro do *camping*. Com o grupo recomposto fomos ver os íbis, observamos aquelas aves em alimentação o tempo que quisemos. O local produziu ainda alcaravão, mocho-galego e solitário, este último foi visto apenas pelo sortudo do Peter. Estava completa a manhã, e que manhã, e seguimos para almoço em Belfaa.

O almoço foi frango, saladas, azeitonas, sempre bem regadas com água fresquinha, numa esplanada da vila, com vista para o reboiço e para as escrevedeiras-domésticas. No final do almoço tivemos uma demonstração do Josele sobre como servir o chá marroquino a



preceito. Demonstração muito apreciada, logo repetida com sucesso pelo Nuno e pelo Carlos, que demonstraram ser excelentes alunos.

Primeiro chá a preceito em Belfaa. Foto: DLeitão.

Depois de almoço fomos fazer a digestão para o Parque Nacional Sous-Massa. Andamos uma hora entre o rio massa e as encostas cobertas de eufórbias carnudas e outros arbustos espinhosos salpicadas por argânias (*Argania spinosa*), a árvore de Marrocos, que produz um óleo que serve para quase tudo, incluindo, ao que parece, enganar turistas. No nosso passeio vimos melro-azul, a subespécie local de pega-rabuda, que bem podia chamar-se pega-de-bochecha-azul, 12 groux ao longe e a primeira lagartixa-de-dedos denteados. Encontramos também uma coruja-do-nabal morta, ao que parece uma observação interessante, pela latitude a que nos encontrávamos. Seguiu-se uma viagem de três horas para a travessia do Anti-Atlas até Guelmin. Paisagem calcária montanhosa lindíssima, com inúmeros campos de lapiás, cobertos de eufórbias e argânias. Às portas da cidade, já ao final do dia, parámos no cruzamento para Toutline para um primeiro contacto com o deserto. Primeiro contacto vento e muito frio. O pequeno passeio para além de oportunidade para WC, produziu três poupas e um picanço-real, da subespécie *L. m. algeriensis*. Chegamos ao hotel Mousafir já de noite. O hotel era simples, mas muito acolhedor e funcional. A sala de jantar não tinha grande aspecto, mas a comida era boa, e havia cerveja, que para a o sul interior de Marrocos é um verdadeiro luxo. Boa comida e cerveja a acompanhar a feitura da lista, não podíamos pedir mais para o nosso final de dia. Fomos dormir com as promessas das delícias ornitológicas do deserto para o dia seguinte.

Dia 3 – Quinta-feira, dia 20 de Fevereiro – Guelmin, deserto e mais deserto

O dia começou cedo, com pequeno-almoço às 7:30 e saída às 8:15. Mas estávamos todos na hora, com o entusiasmo de quem vai para o deserto observar aves. Também reforçado pelo pequeno-almoço de iguarias locais (tâmaras, mel, pasta de amêndoa torrada, óleo de argânia, crepe, etc.). Seguimos para sul em direcção a Tan-tan durante 35km. Pelo caminho vimos os primeiros chascos-de-barrete-branco, trombeteiros, calhandrinhas, toutinegras-tomilheiras e um butio-mourisco. Parámos numa zona de campos de cereal e estepe arbustiva, no cruzamento para Aferkat, e começou o festival. Durante a nossa primeira caminhada matinal no deserto deliciamo-nos com chasco-de-cauda-comprida, cotovia-de-bico-curvo, calhandra-do-deserto, calhandra-das-dunas e um cuco-rabilongo. A longa e produtiva caminhada também deu para o autor do relatório encontrar mais uma lagartixa-de-dedos-denteados (talvez uma espécie diferente do dia anterior) e para a Graça encetar uma longa conversa com um pretenso dirigente da comunidade local, que veio ver ao que andávamos. Mas o Josele lembrou e bem que ainda faltava a calhandra-de-bico-grosso. Mais à frente, junto a um pequeno povoado, enquanto olhávamos para todos os lados, a Elisa viu qualquer coisa junto a um tijolo vermelho. Zás!, uma e depois várias calhandras-de-bico-grosso, que observámos durante o tempo que quisemos. Para terminar a manhã



conduzimos mais uns quilómetros na direcção de Tan-tan e parámos junto a uma ruína. Demos por ali uma volta, que produziu uma poupa, mais duas calhandras-de-bico-grosso e pardal-espanhol. Depois voltámos para Guelmin, para mais um delicioso almoço, numa das esplanadas locais, contratado na hora pelo Josele, após falha do hotel.

Chasco-de-cauda-comprida *Oenanthe moesta*. Foto: Carlos Miravent

Depois de almoço, seguimos novamente na direcção de Tan-tan, para mais deserto. Parámos a 15kms de Guelmin e fomos explorar uma zona só de estepe, com arbustos baixos e esparsos. Para além de mais calhandras-de-bico-grosso, vimos três novas espécies para a excursão, um chasco-do-deserto, duas cotovias-cornudas-do-deserto e duas corredeiras. Estas últimas conduzidas pelo Josele na nossa direcção. Pelo meio meteu-se uma lebre e várias observações da espectacular parada nupcial da cotovia-de-bico-curvo. A meio da tarde voltamos na direcção de Guelmin e fomos explorar uma zona de arbustos altos e o leito seco de um *ouadi* em busca da fuinha-dos-espigalhos. Vimos o pequeno pássaro várias vezes, mas sempre de fugida. Ficamos à espera de aves sedentas junto de uma poça no ouadi. Mas, para além de um par de borrelhos-pequenos-de-coleira, um rabirruivo-mourisco e várias toutinegras-dos-bigodes, nada mais apareceu. Nada que voasse, mas apareceu uma cáfila com mais de 100 animais, que proporcionou belas fotografias e alguns minutos de conversa com os nómadas.



Conferência no deserto, enquanto esperamos pelos dromedários. Foto: Dina Papadópolos.

Antes de voltar para o hotel, fomos esperar o anoitecer numa zona de grandes arbustos, onde costumava haver um dormitório de zaragateiros. Mas neste dia não apareceram. De modo que regressamos ao hotel Mousafir para jantar um *tagine* de borrego soberbo, acompanhado de cerveja adquirida na candonga. Fomos dormir de barriga e alma cheias.

Dia 4 – Sexta-feira, dia 21 de Fevereiro – Guelmin, foz do Sous, Marraquexe

Alvorada madrugadora, com saída para o deserto antes do pequeno-almoço. Rumamos para leste com destino a Fask. Ali encontramos uma paisagem inesquecível, de planície aluvial seca, com palmeiras e cabeços redondos, entrecortados por campos de trigo. Uma hora depois do nascer do sol já tínhamos dois butios-mouriscos, 12 corredeiras, várias cotovias-de-bico-curvo em parada nupcial, mais calhandra-das-dunas, chasco-do-deserto e chasco-de-barrete-branco. Fizemos uma busca nas escarpas sobranceiras a Fask, numa tentativa de encontrar bufo-mourisco, mas sem sucesso. Regressamos ao hotel, para mais um pequeno-almoço delicioso, com uma sopa de trigo salgada.



Corredeiras *Cursorius cursor*.
Foto: Carlos Miravent

Sáímos às 10:15h, já com malas, para uma viagem de três horas para Agadir. Antes de atingir a velocidade de cruzeiro, tivemos de parar num café para deixar a chave do quarto, que um de nós trouxera por esquecimento. De passagem por Tiznit vimos um bando de milhafres-pretos em migração. Fizemos uma paragem em Belfaa, para café, chá e escrevedeira-doméstica. Na hora do almoço estávamos em Agadir, mais propriamente na foz do Sous, onde existem sapais, campos de golfe e um palácio real. O Josele deixou o grupo a observar aves e foi buscar o almoço. A maré estava a baixar e enquanto esperávamos vimos flamingos, águia-pesqueira, maçarico-real e gaivota-de-bico-fino, entre outras miudezas. Depois das deliciosas tostas e batatas-fritas fomos dar uma volta no sapal e chatear os guardas do palácio real. O guarda-de-palácio-real, seja qual for a subespécie (apeado, montado em quatro patas ou montado em quatro rodas), fica sempre muito nervoso com binóculos e máquinas fotográficas. Mas no meio das discussões ainda vimos perdiz-bábara e chapim-azul-africano. Este último, apenas visto por alguns de nós.



Observação de aves
na foz do Sous. **Foto:
Dina Papadópolos.**

Depois esperavam-nos 300kms de auto-estrada até Marraquexe, onde chegamos ao anoitecer. Com a noite a chegar e o reboiço do trânsito, só deu para ver a fachada bonita da nova estação de comboios, que ficava perto do nosso hotel. O Opera Mougador era um hotel clássico muito bonito. Foi servido um buffet variado em todos os aspectos, menos na carne (só frango) e no vinho (nem vê-lo...). Comemos bem e fomos dormir a pensar no alto-Atlas do dia seguinte.

Dia 5 – Sábado, dia 22 de Fevereiro – Marraquexe, Oukaimeden, Marraquexe

O pequeno-almoço madrugador, buffet do hotel, que não foi nada de especial. Mas nós estávamos com pressa, porque ainda tínhamos uma hora e meia de viagem até ao cimo da montanha. “*Yellah*”, que se faz tarde, e lá fomos nós. Nós, e uma fila interminável de carros, que neste dia começava uma semana de férias em Marrocos e todos os caminhos iam dar à estância de esqui de Oukaimeden. Primeira paragem, para uma espécie de farturas, e segunda paragem para tentar o peto-mourisco, mas nada dele. Depois vieram a neve e os alcantilados da alta-montanha. Chegamos a Oukaimeden já depois das nove e meia. Havia já um mar de gente, vendedores de muita coisa, esquiadores, passeantes e polícias. A tarefa árdua do Josele era encontrar as especialidades da alta-montanha no meio daquela confusão. A gralha-de-bico-amarelo e a gralha-de-bico-vermelho foram fáceis, pois estavam por todo o lado. As outras mais especiais, também não foram difíceis. Fomos até uma pastagem coberta de neve, onde havia menos gente, e lá estavam várias asas-carmim e cotovias-cornudas. As aves estavam de tal modo atarefadas a procurar alimento debaixo da neve, que permitiam uma grande aproximação. Foi um deleite para todo o grupo, que ficou largos minutos em actividades de observação e fotografia daqueles pássaros raros e belos.



Asa-carmim *Rhodopechys sanguineus*. Foto: Carlos Miravent.

Depois subimos ao longo da parte mais sossegada da aldeia até aos 2700 m, para a foto de grupo, com vista para o Toubkal, o pico mais alto do Atlas. Pelo caminho ainda vimos mais asas-carmim, cias e uma lagartixa-do-atlas. Alguns do grupo viram, e fotografaram, o que apelidaram de osga. Mais tarde viemos a constatar que se tratava de uma “osga-diurna”, endémica do Atlas. Na hora do almoço, descemos para um delicioso *tagine de viande*, com deliciosas laranjas de sobremesa, tomado na esplanada do restaurante Taliwin, no meio de todo o reboiço e de uma luz inesquecível.

Depois de almoço, foi a descida da montanha, com várias paragens ao longo da estrada e pequenas incursões nos campos e florestas, para ver as especialidades da média-montanha. A primeira paragem, logo à saída de Oukaimeden, produziu excelentes fotos de gralha-de-bico-vermelho e uma valente discussão com o polícia de serviço, que mais uma vez fez o “número da câmara fotográfica”. Numa segunda paragem mais a baixo, tivemos um butio-mourisco, a ser acossado por dois corvos, um falcão-peregrino e vários chascos-pretos. Depois tomamos o peso aos enormes fardos de erva que as mulheres marroquinas transportam montanha abaixo, enquanto os homens aquecem as pedras o dia todo, em posições que variam entre o encostado e o deitado. Numa terceira paragem, junto a uma aldeia, os chamados para peto-mourisco nada produziram para além de um gavião. Por fim, numa paragem com pequena volta pelos campos, tudo aconteceu. Para além de dois mochos-galegos e do rabirruivo-mourisco da praxe, tivemos a sorte de observar demoradamente um peto-mourisco, duas perdizes-mouriscas e chapins-azuis-africanos. Um belo corolário para o final do dia. Mais uma hora de viagem até ao hotel, com uma paragem para umas deliciosas farturas marroquinas.



Grupo SPEA 2014, com vista para o Toubkal.

Nada mau, para um dia na montanha, com milhares de marroquinos. O jantar foi o normal buffet no hotel, precedido da lista do dia. Tivemos a visita cortês da GREPOM (parceiro *BirdLife* em Marrocos). O Dr. Mohamed Radi e outro representante daquela organização ficaram para jantar e trocaram impressões sobre a situação actual da conservação e monitorização das aves no país. Depois de jantar os cansados, como eu, foram para a caminha, e os foliões foram para a *night* da praça Jemaa el Fna.

Dia 6 – Domingo, dia 23 de Fevereiro – manhã livre em Marraquexe e voo para Lisboa

O pequeno-almoço foi mais tardio e a manhã foi livre para uma visita relâmpago a Marraquexe, uma cidade património da humanidade que merece uma visita demorada. Uns foram visitar o Museu Berebere e outros foram para as compras na praça Jemaa. Em termos ornitológicos, para além das enormes colónias de andorinhões-pálidos nas muralhas da cidade, foram ainda observados por partes do nosso grupo o milhafre-real, o andorinhão-



pequeno e o bico-grossudo. Na hora de almoço, para a despedida, o Josele deixou-nos na esplanada de um restaurante, com um *cuscus de viande* e um vinho tinto local. Uma delícia para terminar a nossa aventura maravilhosa. Dissemos adeus ao Josele, que seguiu para Agadir e atacamos o *cuscus*.

Último petisco. Foto: DLeitão

Depois de almoço o Mohamed levou-nos para o Aeroporto Internacional de Marraquexe, onde a aventura terminou para a maior parte do grupo, mas continuou para mim. A TAP, a nossa querida transportadora aérea, fez o favor de me deixar a mim e mais dois passageiros sem lugar no avião, por causa de uma ignóbil situação de *over-booking*. Os outros seguiram para um voo rápido até Lisboa, onde todos chegaram sãos, salvos e felizes. Eu fiquei mais uma noite em Marraquexe, na companhia de um empresário português e uma dançarina cuspidora de fogo brasileira, por sinal os dois muito simpáticos. Fiquei a saber muito sobre os meandros da *night* de Marraquexe e sobre os negócios da decoração de interiores em África e eles sobre os pássaros de Marrocos e de Portugal. Enfim, fomos três bons companheiros de infortúnio, que durou exactamente um dia. Com um voo de escala em Casablanca no dia seguinte, acabámos por chegar a Lisboa exactamente 24 horas depois do previsto. Mas, tirando a partida da TAP, tudo correu muito bem. Foi uma aventura ornitológica inesquecível, que temos que agradecer ao Josele e ao Mohamed.

Lista das aves (115 espécies):

Mergulhão-pequeno	<i>Tachybaptus ruficollis</i>
Corvo-marinho	<i>Phalacrocorax carbo</i>
Garça-real	<i>Ardea cinerea</i>
Garça-branca-grande	<i>Egretta alba</i>
Garça-branca-pequena	<i>Egretta garzetta</i>
Carraceiro	<i>Bubulcus ibis</i>
Cegonha-branca	<i>Ciconia ciconia</i>
Íbis-pelada	<i>Geronticus eremita</i>
Íbis-preta	<i>Plegadis falcinellus</i>
Colhereiro	<i>Platalea leucorodia</i>
Flamingo	<i>Phoenicopterus roseus</i>
Pato-real	<i>Anas platyrhynchos</i>
Pardilheira	<i>Marmaronetta angustirostris</i>
Águia-pesqueira	<i>Pandion haliaetus</i>
Milhafre-preto	<i>Milvus milvus</i>
Milhafre-real	<i>Milvus migrans</i>
Gavião	<i>Accipiter nisus</i>
Butio-mourisco	<i>Buteo rufinus</i>
Peneireiro-vulgar	<i>Falco tinnunculus</i>
Falcão-peregrino	<i>Falco peregrinus*</i>
Perdiz-mourisca	<i>Alectoris barbara</i>
Grou	<i>Grus grus</i>
Galinha-d'água	<i>Gallinula chloropus</i>
Galeirão	<i>Fulica atra</i>
Pernilongo	<i>Himantopus himantopus</i>
Alcaravão	<i>Burhinus oedicephalus</i>
Corredeira	<i>Cursorius cursor</i>
Borrelho-grande-de-coleira	<i>Charadrius hiaticula</i>
Borrelho-pequeno-de-coleira	<i>Charadrius dubius</i>
Maçarico-real	<i>Numenius arquata</i>
Perna-vermelha	<i>Tringa totanus</i>
Perna-verde	<i>Tringa nebularia</i>
Maçarico-das-rochas	<i>Actitis hypoleucos</i>
Gaivota-de-patas-amarelas	<i>Larus michaellis</i>
Gaivota-d'asa-escura	<i>Larus fuscus</i>
Guincho	<i>Larus ridibundus</i>
Gaivota-de-bico-fino	<i>Larus genei</i>
Garajau-de-bico-preto	<i>Sterna sandvicensis</i>



Foto: Carlos Miravent

Pombo-torcaz	<i>Columba palumbus</i>
Rola-turca	<i>Streptopelia decaocto</i>
Rola-dos-palmares	<i>Streptopelia senegalensis</i>
Cuco-rabilongo	<i>Clamator glandarius</i>
Mocho-galego	<i>Athene noctua</i>
Coruja-do-nabal	<i>Asio flammeus**</i>
Andorinhão-pálido	<i>Apus pallidus</i>
Andorinhão-pequeno	<i>Apus affinis</i>
Guarda-rios	<i>Alcedo atthis</i>
Poupa	<i>Upupa epops</i>
Peto-mourisco	<i>Picus vaillantii</i>
Calhandra-das-dunas	<i>Ammomanes cincturus</i>
Calhandra-do-deserto	<i>Ammomanes deserti</i>
Calhandra-de-bico-curvo	<i>Alaemon alaudipes</i>
Calhandra-de-bico-grosso	<i>Ramphocoris clotbey</i>
Calhandrinha-comum	<i>Calandrella brachydactyla</i>
Calhandrinha-das-marismas	<i>Calandrella rufescens</i>
Cotovia-de-poupa	<i>Galerida cristata</i>
Cotovia-escura	<i>Galerida theklae</i>
Cotovia-cornuda	<i>Eremophila alpestris</i>
Cotovia-cornuda-do-deserto	<i>Eremophila bilopha</i>
Andorinha-das-rochas	<i>Hirundo rupestris</i>
Andorinha-das-barreiras	<i>Riparia riparia</i>
Andorinha-dos-charcos	<i>Riparia paludicola</i>
Andorinha-das-chaminés	<i>Hirundo rustica</i>
Andorinha-dos-beirais	<i>Delichon urbica</i>
Alvéola-branca	<i>Motacilla alba</i>
Alvéola-amarela	<i>Motacilla flava</i>
Petinha-dos-campos	<i>Anthus campestris</i>
Petinha-dos-prados	<i>Anthus pratensis</i>
Engole-malagueta	<i>Pycnonotus barbatus</i>
Cariça	<i>Troglodytes troglodytes</i>
Fuinha-dos-juncos	<i>Cisticola juncidis</i>
Fuinha-dos-espigueiros	<i>Scotocerca inquieta</i>
Rouxinol-bravo	<i>Cettia cetti</i>
Felosinha-comum	<i>Phylloscopus collybita</i>
Toutinegra-de-bigodes	<i>Sylvia cantillans</i>
Toutinegra-dos-valados	<i>Sylvia melanocephala</i>
Toutinegra-tomilheira	<i>Sylvia conspicillata</i>
Toutinegra-de-barrete	<i>Sylvia atricapilla</i>
Rabirruivo-preto	<i>Phoenicurus ochruros</i>
Rabirruivo-mourisco	<i>Phoenicurus moussieri</i>
Cartaxo	<i>Saxicola torquata</i>
Solitário	<i>Cercotrichas galactotes*</i>
Chasco-de-barrete-branco	<i>Oenanthe leucopyga</i>
Chasco-preto	<i>Oenanthe leucura</i>
Chasco-cinzento	<i>Oenanthe oenanthe</i>
Chasco-de-cauda-comprida	<i>Oenanthe moesta</i>
Chasco-do-deserto	<i>Oenanthe deserti</i>
Melro-azul	<i>Monticola solitarius</i>
Melro-comum	<i>Turdus merula</i>
Tordeia	<i>Turdus viscivorus</i>
Chapim-carvoeiro	<i>Periparus ater</i>
Chapim-real	<i>Parus major</i>
Chapim-azul-africano	<i>Cyanistes teneriffae</i>
Picanço-real	<i>Lanius meridionalis</i> (L. m. <i>algeriensis</i> e L. m. <i>elegans</i>)



Foto: Carlos Miravent



Foto: Cristina Girão Vieira

Picanço-assobiador	<i>Tchagra senegala</i>
Pega	<i>Pica pica mauritanica</i>
Gralha-de-bico-vermelho	<i>Pyrrhocorax pyrrhocorax</i>
Gralha-de-bico-amarelo	<i>Pyrrhocorax graculus</i>
Corvo	<i>Corvus corax</i>
Estorninho	<i>Sturnus unicolor</i>
Pardal	<i>Passer domesticus</i>
Pardal-espanhol	<i>Passer hispaniolensis</i>
Pardal-francês	<i>Petronia petronia africana</i>
Tentilhão	<i>Fringilla coelebs</i>
Verdilhão	<i>Carduelis chloris</i>
Pintassilgo	<i>Carduelis carduelis</i>
Pintaroxo	<i>Carduelis cannabina</i>
Chamariz	<i>Serinus serinus</i>
Bico-grossudo	<i>Coccothraustes coccothraustes*</i>
Asa-carmim	<i>Rhodopechys sanguineus</i>
Trombeteiro	<i>Bucanetes githagineus</i>
Escrevedeira	<i>Emberiza cirrus</i>
Cia	<i>Emberiza cia</i>
Escrevedeira-doméstica	<i>Emberiza sahari</i>
Trigueirão	<i>Emberiza calandra</i>



Foto: DLeitão

* - Espécie observada apenas por um dos elementos do grupo.

** - Indivíduo encontrado morto.

Lista dos mamíferos (2 espécies):

<i>Lepus microtis</i>	Lebre-africana-da-savana
<i>Atlantoxerus getulus</i>	Esquilo-terrestre

Lista dos répteis e anfíbios (5 espécies):

<i>Mauremys leprosa</i>	Cágado-mediterrânico
<i>Quedenfeldtia trachyblepharus</i>	Osga-diurna-do-atlas
<i>Atlantolacerta andreanskyi</i>	Lagartixa-do-atlas
<i>Acanthodactylus aureus</i>	Lagartixa-dourada
<i>Acanthodactylus pardalis</i>	Lagartixa-parda

Foto: Maria Elisa Brás



Contactos:

domingos.leitao@spea.pt
alexandra.lopes@spea.pt
www.spea.pt



Foz do Massa. Foto: DLeitão



Ouadi a sul de Guelmin. Foto: DLeitão



Planície de Fask, Guelmin. Foto: DLeitão



Oukaimeden, com vista para o Toubkal. Foto: DLeitão